

ZINE CONSCIENTE

#52



A HORA H

Os pontos de virada do novo capitalismo consciente:
Harmonia, Herança, História, Honra & Humildade

Sumário

Introdução	03
O pós-normal capitalista	03
HARMONIA, o caminho do meio	03
O bom temperamento na música e na vida	03
Sobre pardais e cavalos: harmonizando riquezas	04
Reequilibrando a colmeia humana	05
Nossa HERANÇA evolutiva	05
O resgate do propósito maior	06
HISTÓRIA, um retorno às origens	07
Resetando o sistema	07
Código de HONRA	08
O código de honra corporativo	09
Uma lição de HUMILDADE	10
As raízes do novo capitalismo altruísta	10
Para saber mais	11
De olho na mídia	11
Referências bibliográficas	12

INTRODUÇÃO

O pós-normal capitalista

“O vigor físico é bom, o vigor intelectual melhor ainda, mas, muito acima de ambos, está o vigor do caráter.” - Theodore Roosevelt

O capitalismo, maior fonte de inovação e prosperidade já concebida, já enfrentava grandes problemas e tensões antes mesmo da pandemia do coronavírus. Quando o “dinheiro-rei” ameaça varrer toda moral, quando para ganhar mais todos os meios servem, temos um paradoxo. A moral nos negócios não representa um simples adorno, um luxo ético, mas sim um elemento tecnicamente indispensável ao bom funcionamento do próprio sistema capitalista.

Ao voltar a ser vista como uma necessidade imperativa e um investimento rentável, a ética socioeconômica exige soluções sistêmicas melhores do que as que tínhamos antes – uma verdadeira refundação global.

Está, portanto, com os dias contados o antigo cenário em que o especulador individualista leva a melhor sobre o empreendedor colaborativo, e os ganhos fáceis a curto prazo solapam as riquezas coletivas do investimento a longo prazo. Desde que a Covid-19

começou a fazer suas primeiras vítimas, o medo tornou-se um dos sentimentos mais presentes em cada um de nós. Angústias e incertezas em relação ao futuro do planeta, da vida e dos negócios desestruturaram planejamentos, famílias, organizações e países inteiros. Aperfeiçoamentos tênues e lentos não são mais suficientes agora, que estamos em uma encruzilhada: capitalismo melhorado ou convulsão social. É, definitivamente, a hora H para seguir o primeiro caminho, mais eficiente e ponderado.

Harmonia, o caminho do meio

“O universo é uma harmonia de contrários.”- Pitágoras

O bom temperamento na música e na vida

O célebre organista e compositor alemão Johann Sebastian Bach (1685-1750) possuía o dom de expressar através da música a grandiosidade da natureza, sempre progredindo rumo à harmonia. Uma de suas mais famosas composições, O Cravo Bem Temperado, veio substituir um sistema vigente há cerca de dois mil anos (Bach, 1984).

Até então, cada escala musical de notas na música europeia seguia as teorias do matemático grego Pitágoras, e a afinação dos tons musicais gerava lindas escalas dentro de uma mesma escala, porém desafinava com as notas de todos os outros tons. Assim, o sistema de afinação de Pitágoras, também conhecido como “entonação justa”, restrin-

Figura 1.0: “Quando o “dinheiro-rei” ameaça varrer toda moral, quando para ganhar mais todos os meios servem, temos um paradoxo.”



Fonte: @tonidagostinho

gia composições a somente uma escala.

Isso começou a mudar em 1691, quando o compositor Andreas Werckmeister criou o sistema de afinação chamado por ele de “bom temperamento” – aqui, as distâncias entre as notas assumiam proporções equilibradas, tornando o fim de um ciclo consonante com o início. Poucos anos depois, portanto, O Cravo de Bach consagrou esse formato, alinhando as aspirações humanas à sublime harmonia da natureza (Burkholder et al., 2019).

Como podemos aplicar esse modelo à missão que temos hoje de projetar e remodelar nosso estilo de vida? Ao longo dos séculos, nossa engenhosidade como espécie nos proporcionou grandes avanços científicos e desenvolvimento econômico, porém o equilíbrio entre os sistemas humanos e naturais se perdeu.

Assim como as notas musicais, as sociedades e economias globais são marcadas por complexidades e ambiguidades – e “afiná-las” em um temperamento mais homogêneo exige a harmonização de nossos potenciais técnicos e relacionais a um propósito maior para a humanidade.

Sobre pardais e cavalos: harmonizando riquezas

A alta complexidade dos sistemas natural e humano explica em grande parte o mundo cada vez mais incerto e volátil em que vivemos.

O economista John Kenneth Galbraith propôs a chamada “economia do gotejamento” (trickle down economics), a qual defende que, ao se diminuir os impostos do topo da pirâmide social, há um efeito de transbordamento de riqueza que favorece o resto da sociedade. Galbraith explicou essa hipótese por meio da seguinte metáfora: a economia do gotejamento seria uma versão mais sofisticada da teoria de que se alguém alimenta um cavalo com bastante aveia, alguns grãos

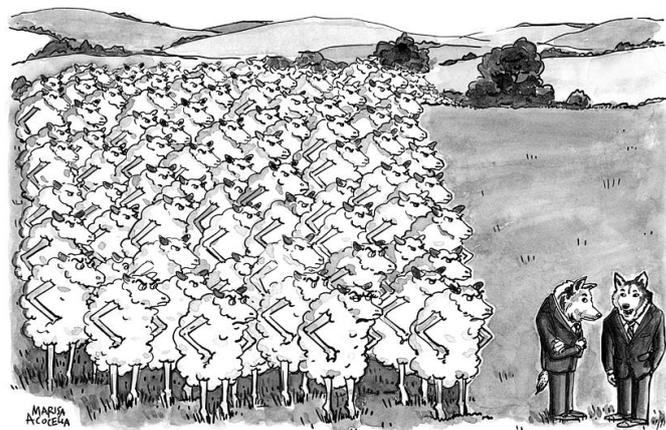
sempre irão cair pela estrada para os pardais (Galbraith, 2012).

Já o jornalista húngaro Joseph Pulitzer, por sua vez, dizia ter como maior objetivo “confortar os aflitos e afligir os confortados” (Morris, 2011).

A crença de que é necessário que alguns percam para que outros ganhem não é nova; tampouco é a ideia de que uma massa paupérrima (os pardais) deve se contentar com as sobras de uma elite soberana (os cavalos). Quem está com a razão, afinal?

“A virtude está no meio”, ensinava o filósofo grego Aristóteles em 350 a. C.. Criar uma mentalidade de escassez, promovendo ainda mais conflitos em um mundo já tão conturbado, certamente não será benéfico para ninguém; por outro lado, esperar que 99% da população se conformem em continuar recolhendo as migalhas do 1% mais abastado é tão imoral quanto utópico.

Figura 1.1: “Esperar que 99% da população se conformem em continuar recolhendo as migalhas do 1% mais abastado é tão imoral quanto utópico.”



Fonte: Collect Cartoons, 2020.

Em 2013, o ex-ministro do Trabalho de Bill Clinton, Robert Reich, lançou um documentário chamado “Inequality for all” (Desigualdade para todos), abordando o agravamento do abismo socioeconômico norte-americano nas últimas décadas (Reich, 2013).

Em 1978, o salário médio anual era equivalente a US\$48 mil; hoje, em termos de poder de compra, não ultrapassa os US\$34 mil. Paralelamente, porém, a renda familiar média do per-

centil mais rico do povo norte-americano, que em 1978 correspondia a US\$393 mil, hoje passa de US\$1,1 milhão. Em um período de 5 anos, 1% da população ficou com 90% do crescimento do PIB nacional, enquanto 99% dos cidadãos repartiram os outros 10%.

O atual cenário se assemelha muito a outro momento histórico caracterizado por uma incrível concentração de renda: a década de 1920, que culminou com o crash de 1929 e a Grande Depressão. Como ignorar, portanto, que as disparidades sociais e as crises econômicas estão intimamente ligadas? E, uma vez reconhecida essa relação, o que fazer para virar o jogo?

• Reequilibrando a colmeia humana:

“O que não for bom para a colmeia também não é bom para a abelha”, sugeria em meados do século 18 o filósofo francês Montesquieu. De fato, a abelha-rainha de um enxame, juntamente com sua “corte”, representa apenas uma liderança fisiológica e funcional, tendo como atribuições assegurar a sobrevivência, a organização e a coesão de toda a colônia. Nenhuma rainha se impõe, menospreza ou utiliza suas benesses para subjugar outras abelhas.

As sociedades humanas, ao contrário, estabelecem extratos sociais que se opõem às leis da natureza – as questões ambientais comprovam isso. Nelas, muitos líderes e membros da elite, em vez de prezar o bem-estar coletivo, criam leis e práticas em benefício próprio.

Figura 1.2: “Área reservada para excelente lucratividade natural.”



Fonte: Collect Cartoons, 2020.

O salto do egocentrismo vigente para um sistema econômico e político ético, portanto, está em compreender e propagar a diferença entre a “função de liderar” e o “status de liderar” – a primeira representa trabalho inteligente que

envolve direitos e deveres, enquanto a última significa vantagens ilimitadas sem contrapartidas sociais. Convém lembrar: caso a “rainha” não produza outras abelhas, perde sua maior utilidade e condena a própria existência.

Nossa Herança evolutiva

“Aquele que souber adaptar-se será preservado até o fim.” - Lao-Tsé

Na quinta edição de sua mais famosa obra, “A Origem das Espécies”, Charles Darwin acrescentou a expressão “a sobrevivência dos mais aptos” por sugestão do economista Herbert Spenser. “Mais aptos” não significava “mais fortes”; ao corrigir o texto, Darwin destacava a importância vital da adaptação das espécies entre si (Darwin, 2014).

A cognição humana envolve uma ampla gama de estágios – percepção, discernimento, apreensão, compreensão, raciocínio, aprendizado, reflexão -, e o enorme volume e a complexidade dos dados que captamos diariamente podem tornar o processo cognitivo lento e pesado demais para reagir.

Nesse contexto, desenvolvemos ao longo de milênios diversos atalhos, conhecidos como vieses inconscientes. Quando uma onça aparece subitamente por trás de uma árvore, por exemplo, nossa programação mental logo nos leva a assumir um destes três comportamentos: ficar imóvel e torcer para não ser avistado, encarar a fera ou correr o mais rápido possível.

Essas “pré-configurações” cerebrais de parar, lutar ou fugir, que levaram ao nosso sucesso evolutivo no passado selvagem, seguem ativas nos dias de hoje – embora não nos sejam mais tão favoráveis. Em um ambiente dúbio, fluido e globalizado como o atual, nossos instintos primitivos, ao invés de ajudarem, geralmente nos colocam em

apuros, desencadeando conflitos, crimes e traumas.

Na chamada descontinuidade hiperbólica, outro viés cognitivo, a mente humana evoluiu para valorizar mais as condições presentes do que as futuras. Quando éramos caçadores-coletores, essa tendência era eficiente por promover a concentração em nossas necessidades imediatas; no século 21, por outro lado, o imediatismo de arranjar logo a próxima refeição – ou o próximo lucro – vem tendo efeitos socioambientais catastróficos. Nossa incapacidade de pensar no longo prazo, assim, nos cega diante das grandes questões que nos ameaçam, como as mudanças climáticas.

Figura 1.3: “Erros foram cometidos.”



“Mistakes were made.”

Fonte: Collect Cartoons, 2020.

Por fim, o favorecimento intragrupal representou uma adaptação bastante positiva nos primórdios da civilização – nossa sobrevivência foi assegurada pela mutualidade da tribo, que nutria um sentimento caloroso por familiares e amigos e uma automática aversão a quem era de fora. Atualmente, no entanto, esse viés cognitivo traz muito mais problemas do que soluções, estimulando mazelas como o racismo e a xenofobia.

Muitos manuais e críticos do capitalismo alegam que o comportamento humano é moldado apenas pela cobiça e pelas necessidades individuais, enquanto os deveres comunitários são mera especulação vazia.

Será mesmo?

Diversos experimentos comportamentais demonstraram que os deveres são tão importantes para nós quanto as necessidades. Em um deles, solicitou-se a um grupo de pessoas que recordassem e classificassem suas decisões passadas das quais mais se arrependiam. Curiosamente, lamentações como “Ah, se eu tivesse comprado as ações daquela empresa” ou “Ah, se eu tivesse ido bem naquela entrevista” quase não apareceram; em vez delas, os remorsos mais dolorosos foram fracassos em não atender aos “deveres” – quando não passamos muito tempo com nossos filhos pequenos, não somos pacientes com nossos pais, não ajudamos um amigo ou cumprimos uma obrigação moral (The Guardian, 2012).

O economista britânico John Maynard Keynes certa vez conceituou o dinheiro como “um elo entre o presente o futuro”. Com isso, ele queria dizer que o modo como lidamos com a economia hoje é um sinal do nosso status como sociedade amanhã. O que estamos fazendo agora?

• O resgate do propósito maior:

Quanto devemos “valorizar monetariamente” a satisfação de um povo ou mesmo de um indivíduo? Ao contrário do que desejam os “economeseles”, a economia não se resume a apenas dinheiro – sua base é a ética de se buscar sempre o melhor negócio para todos, e a moeda é uma mera ferramenta, criada por nós mesmos, para facilitar essa troca de benefícios mútuos.

Paralelamente, o trabalho, além de fonte de subsistência, deveria fornecer um propósito aos anos centrais da vida de um ser humano. Isso de fato ocorre para muitos favorecidos, porém não para a grande maioria da população. Quantas pessoas se veem trabalhando por décadas em funções que quase não proporcionam respeito próprio, não exigem qualificação suficiente para despertar orgulho nem oferecem a satisfação de sentir que

a atividade desempenhada contribui para a coletividade?

Além das gritantes discrepâncias salariais, esse é um ponto fundamental, que converte o distanciamento financeiro em distanciamento de propósitos de vidas. As enormes desigualdades de rendimentos, obviamente, exigem cuidados, mas não se trata de simplesmente redistribuir recursos; é necessário, antes de tudo, atacar a falha central: a ausência de sentido.

História, um retorno às origens

“Se o dinheiro for a sua esperança de independência, você jamais a terá. A única segurança verdadeira consiste numa reserva de sabedoria, de experiência e de competência.”

- Henry Ford

Todas as criaturas valorizam o próprio lar, estabelecendo a partir dele seu senso de direção na vida. Várias espécies de pássaros voam milhares de quilômetros anualmente, chegando a perder metade de seu peso corporal, somente para acasalarem no mesmo lugar em que nasceram; as tartarugas, por sua vez, nadam por décadas livres no mar, mas voltam ao mesmo trecho de areia em que vieram ao mundo para botar seus ovos.

Por terem cérebros muito mais complexos e desenvolvidos do que os desses animais, os seres humanos têm um conceito de lar que nem sempre corresponde ao espaço físico. Para nós, o significado de lar é subjetivo: trata-se de onde somos reconhecidos, compreendidos e amados, expressando nossos valores e sentimentos mais íntimos e caros.

Assim como os seres vivos – e sendo um organismo vivo e mutável em si mesmo -, um sistema econômico também pode eventualmente se afastar de suas premissas originais, corrompendo-se. A invenção de um modelo de negócio, por exemplo, a princípio

gera uma margem de lucro confortável para seu idealizador, mas uma vez que o capitalismo, via de regra, promove a competição como mecanismo de equilíbrio dos mercados, logo surgem concorrentes com novas ideias, menores preços ou melhores condições de pagamento.

Esse ciclo de inovação e barateamento, extremamente benéfico para os consumidores, está na alma capitalista, porém muitos empresários tentam burlá-lo, em todos os países e épocas, criando monopólios. Por isso, há mais de duzentos anos Adam Smith já alertava: “As pessoas envolvidas na mesma atividade raramente se encontram entre si, mesmo para confraternização e diversão, mas (quando isso acontece) a conversa termina numa conspiração contra o público, ou em alguma manobra para fazer subir os preços” (Smith, 2009).

No último século, o desenvolvimento tecnológico assumiu o protagonismo socioeconômico global; ainda em 1933, na Feira Mundial de Chicago, o lema era “A ciência descobre – A indústria aplica – O homem se sujeita”. Quase noventa anos depois, alguns ainda enxergam a tecnologia como um fim em si mesmo, indiferente às necessidades e demandas humanas.

Em 1912, numa carta a Henry Ford, Thomas Edison já vislumbrava esse cenário distorcido: “Cambaleamos por algum tempo, tentando dirigir uma civilização nova do modo antigo, mas precisamos começar a refazer este mundo”. Edison temia que o potencial da industrialização de possibilitar um progresso humano coletivo fosse deturpado por interesses egoístas e corruptos. “Nossa produção, nossas leis industriais, nossas instituições beneficentes, nossas relações entre capital e trabalho, nossa distribuição – está tudo errado, em desordem” – conclui ele (Morris, 2019).

• **Resetando o sistema:**

Para suprimir os inúmeros sofrimentos e con-

flitos provocados pela disformidade do capitalismo contemporâneo, caracterizado pela miséria de muitos e opulência de poucos, é necessário “resetar” o sistema com racionalidade e humanidade em doses bem proporcionadas.

Nesse sentido, as novas tecnologias, em vez de serem frias e isentas, devem estar voltadas a compreender e satisfazer as mais urgentes necessidades das pessoas; paralelamente, é necessário desenvolver um modelo econômico capaz de viabilizar tais práticas, enquanto um novo contrato social é redigido para alicerçar tudo isso.

Robôs superinteligentes que cuidam dos idosos, ferramentas digitais que monitoram a saúde, aplicativos que ajudam as crianças a aprender e dispositivos digitais que medem e solucionam problemas sociais graves são apenas alguns exemplos dessa boa tecnologia alinhada a um capitalismo consciente, apta a gerar benefícios emocionais e aliviar dores humanas.

Simultaneamente, contudo, a evolução tecnológica nos impõe desafios complexos – substituição de trabalhadores humanos por máquinas, perda de privacidade, dilemas éticos e violência cibernética são alguns exemplos.

Figura 1.4: “Más notícias, querida. Fui substituído por um aplicativo.”



“Bad news, hon. I got replaced by an app.”

Fonte: Collect Cartoons, 2020.

Ignorar ou tentar suprimir os avanços digitais seria não apenas inútil, mas também um desserviço para a nossa própria espécie. Devemos abraçar o progresso, porém nunca abrindo mão de refletir e colocar as novas tecnologias a serviço de nossos reais propósitos coletivos.

Código de Honra

“Quem me rouba a honra priva-me daquilo que não o enriquece e faz-me verdadeiramente pobre.”

- William Shakespeare

“Reputação, reputação, reputação! Ai, eu perdi minha reputação! Perdi minha parte imortal, e tudo o que ficou foi a parte bestial”, lamenta o personagem Cassio na célebre tragédia shakesperiana “Otelo” (Shakespeare, 1604, ato II, cena III). Nela, valores como a honra, a reputação e a fidelidade são evidenciados – e a força de Otelo como guerreiro contrasta com sua fraqueza de caráter e julgamento (Shakespeare, 2017).

A propósito, tratando-se de combate e dignidade, é impossível não mencionar os samurais, até hoje lembrados por seguirem um código específico de honra: o *bushido* ou “o caminho do guerreiro”.

Esse código de ética tinha para eles mais força que as próprias leis japonesas, sendo transmitido oralmente e seguido por todos os clãs de samurais. De acordo com ele, o maior objetivo da vida era ter uma existência e um legado honrosos (Cleary, 2021).

O bushido foi adaptado e ainda está muito presente na cultura japonesa até hoje, refletindo princípios que os japoneses chamam de *yamato damashi*, ou o espírito japonês. O jeito japonês de ser, de viver de modo coletivo, de respeitar sua história e se superar a cada dificuldade.

Para um samurai, só existe um juiz de sua

honra: ele mesmo. As escolhas que você faz e como você trabalha para alcançar suas metas são um espelho que revela quem você realmente é – e é impossível esconder-se de si próprio.

A defesa da honra leva muitos japoneses a cometerem o *seppuku* ou suicídio, mais conhecido entre nós pelo termo *haraquiri*. O ato drástico não é entendido como uma loucura ou fraqueza moral, mas sim um resgate do autorrespeito. Quando um político de lá é flagrado em corrupção, o *seppuku* é uma forma de evitar que a sua falha recaia sobre a sua família.

CURIOSIDADE

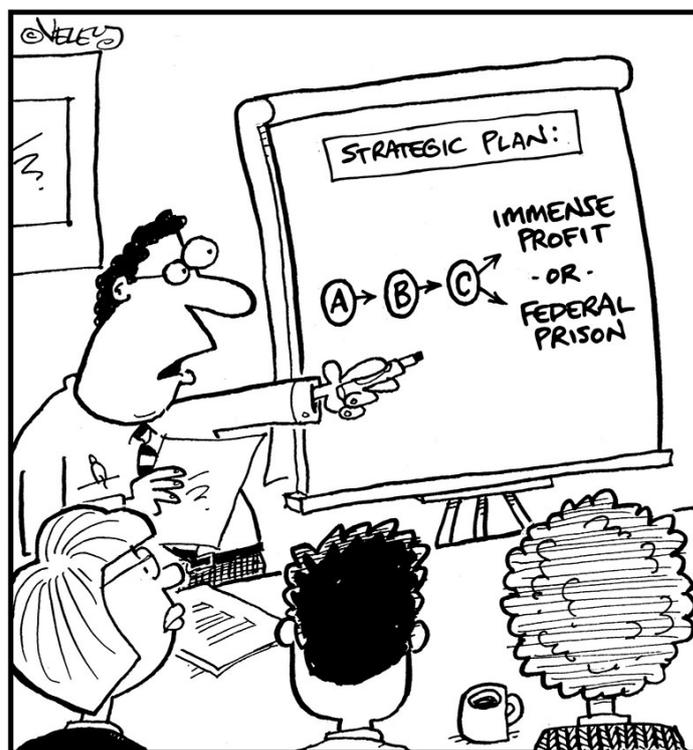
Omoyari, o espírito de consideração pelo próximo

Outro elemento da milenar cultura japonesa, o *omoyari* está relacionado à harmonia, à gentileza e ao altruísmo. É a preocupação com os sentimentos das outras pessoas e o zelo pelo interesse público.

Um exemplo claro de *omoyari* foi o comportamento dos japoneses em 2011, após um tsunami deixar mais de 18 mil mortos. Mesmo em um cenário tão crítico, eles mantiveram o apreço pelo bem comum - filas organizadas para receber as doações de comida foram estritamente respeitadas, e dominou a crença de que *“se eu pegar mais pra mim, pode faltar para o próximo”*.

Quando o dinheiro se torna a única medida do sucesso, a sociedade envia uma clara e equivocada mensagem de que “ser rico é glorioso”, logo os meios empregados para conquistar a glória são irrelevantes – desde que a pessoa seja esperta o suficiente para não ser pega praticando algo ilegal. O pensamento maquiavélico de que “os fins justificam os meios”, infelizmente, está mais vivo do que nunca na cultura ocidental, inspirando indivíduos, organizações e governos. Nesse cenário, ser um ator ético e cuidadoso simplesmente não parece compen-

Figura 1.5: “Plano estratégico: A -> B -> C: Lucro imenso ou prisão federal. “Prestem atenção agora, porque no passo C a situação fica um pouco delicada”.”



“Stay with me now, people, because in Step C, things get a bit delicate.”

Fonte: Collect Cartoons, 2020.

• O código de honra corporativo:

A honra pode ser definida como a arte de servir bem aos nossos relacionamentos, e os negócios de todos os setores têm tudo a ver com o ato de se relacionar. No âmbito corporativo, temos duas opções: criar relacionamentos livres de medo e fundamentados em reciprocidade e respeito com nossos colegas, funcionários, fornecedores, competidores e clientes para o bem de todos? Ou projetar egoísmo e autoproteção, criando uma cultura relacional de escassez e isolamento? Essa é a escolha entre a honra e a desonra, que tem início dentro de cada de um nós, permeia nossas interações sociais e nos leva a investir em relações saudáveis ou tóxicas.

Tão importante quanto definir a missão e os valores organizacionais é estabelecer um código de honra que seja conhecido e praticado por todos os membros da empresa, além de difundido entre seus diversos stakeholders. Também é extremamente válido criar o seu próprio código de honra, que norteará suas atitudes tanto na vida pesso-

al quanto profissional. Para começar, basta responder: quais crenças, hábitos e ações têm honrado (ou desonrado) sua imagem pessoal, sua carreira ou sua organização?

Uma lição de Humildade

“Enquanto estiver vivo, continue aprendendo como viver.”

- Sêneca

A palavra humildade deriva do termo latino *hūmus*, que significa uma terra fértil e pronta para receber sementes na época do plantio. Assim como o solo, uma pessoa humilde, por mais bem-sucedida que seja, reconhece que não sabe tudo e está sempre receptiva a novas sementes de conhecimento.

Diversas pesquisas recentes comprovam que líderes humildes são de fato mais aptos a aprender e estáveis emocionalmente. Por isso, as equipes e organizações chefiadas por eles geralmente têm mais sucesso (Organization Science, 2013).

Infelizmente, porém, trata-se de uma mercadoria tão preciosa quando rara; a virtude da humildade definitivamente não é uma das mais buscadas e desenvolvidas naqueles que estão em posições de influência, como executivos, políticos e celebridades. No imaginário popular, o ideal de CEO humilde costuma ser sobreposto pelo de um líder corporativo insensível e ganancioso.

Gandhi ensinava que “o dinheiro faz homens ricos, o conhecimento faz homens sábios e a humildade faz grandes homens”. Certa vez, quando foi procurado pelo jovem Shriman, PhD pela London School of Economics e desejoso de transformar a economia indiana, Gandhi disse: “Junte-se a nós e limpe os banheiros do Asham (eremitério hindu)”. Na concepção do lendário ativista, para Shriman tornar-se capaz de criar uma economia que servisse a todos, precisava

antes compreender a vida de todos (Gandhi, 2019).

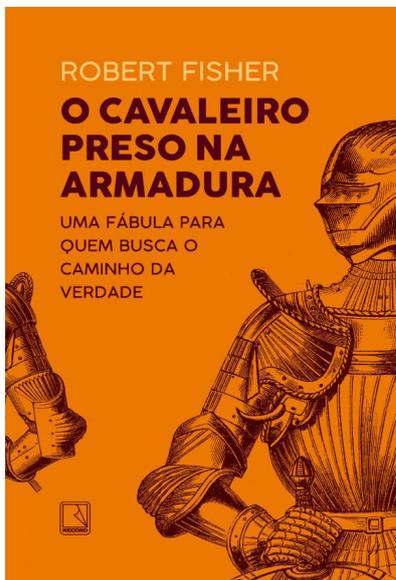
• As raízes humildes do novo capitalismo altruísta:

Nas últimas décadas, vivenciamos uma era de um capitalismo completamente desfigurado e sem propósito: segundo ele, o melhor caminho é cada indivíduo priorizando apenas o próprio interesse, mesmo que isso frequentemente signifique abandonar valores éticos e morais; bolhas e especulações financeiras sobrepujam o planejamento de longo prazo; e a desigualdade é um “mal necessário” para garantir a opulência de predadores sociais sem escrúpulos. Esse sistema desvirtuado, embora tenha suscitado o maior surto de desenvolvimento financeiro e tecnológico da história da humanidade, também reavivou misérias e desigualdades de um século atrás, criando um cenário de extrema instabilidade social, degradação ambiental e luta pela sobrevivência.

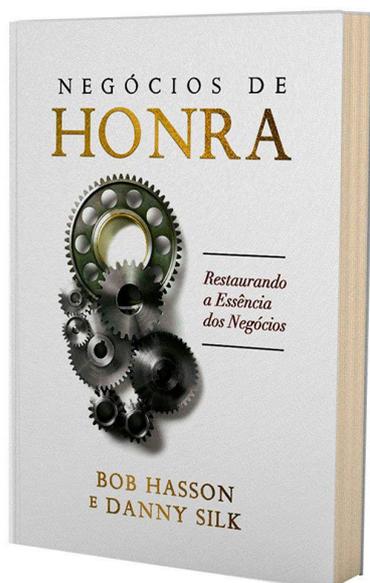
A humildade é o portão de entrada para a honra e o altruísmo, ao passo que a soberba é a antessala para o egocentrismo e o desastre. Embora muitos ainda confundam ser humilde com ingenuidade, falta de ambição e até de inteligência, apenas indivíduos dotados dessa qualidade inestimável poderão salvar o mundo, combatendo os excessos de prepotência, abusos e desdém tão comuns atualmente. Sua empresa é humilde? E você, já exercitou a humildade hoje? ■

Para saber mais:

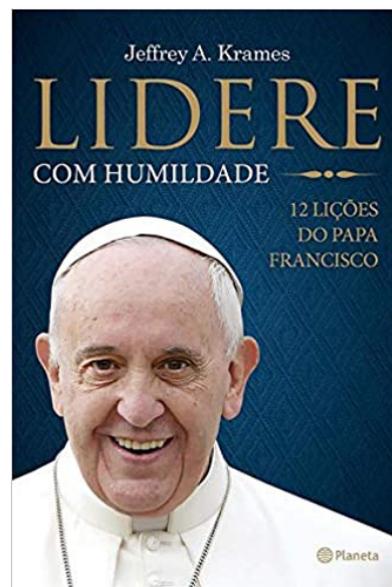
• **O Cavaleiro Preso na Armadura.** Uma fábula para quem busca o caminho da verdade. Robert Fisher. Editora Record, 2020.



• **Negócios de Honra:** Restaurando a Essência dos Negócios. Bob Hasson & Danny Silk. Editora Chara, 2019.



• **Lidere com Humildade:** 12 Lições do Papa Francisco. Jeffrey A. Krames. Editora Planeta, 2015.



De olho na mídia:

• **TED Talks: “Quais são os problemas morais mais importantes de nosso tempo?”**, de Will MacAskill, filósofo e pesquisador de Oxford e idealizador do movimento do “altruísmo eficaz”. [Assista](#).



Fonte: <https://www.fastcompany.com/40558328/if-we-want-to-save-humanity-we-need-to-advocate-for-the-future>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **COLLECT CARTOONS**, 2020. <https://www.cartooncollections.com/directory/keyword/collect>
- BACH, Johann Sebastian. **The Well-Tempered Clavier: Books I and II, Complete**. Dover Publications, 1984.
- BURKHOLDER, J. Peter; GROUD, Donald Jay; PALISCA, Claude V. **A History of Western Music**. W. W. Norton & Company, 2019.
- GALBRAITH, John Kenneth. **Galbraith Essencial: Os principais ensaios de John Kenneth Galbraith**. Saraiva Uni, 2012.
- MORRIS, James McGrath. **Pulitzer: A Life in Politics, Print, and Power**. Harper Perennial, 2011.
- REICH, Robert, 2013. **Inequality for All**. Acesso em: 15/02/2021.
- DARWIN, Charles. **A origem das espécies: A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida**. Martin Claret, 2014.
- THE GUARDIAN, 2012. **Top five regrets of the dying**.
- SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações: Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. Editora Madras, 2009.
- MORRIS, Edmund. **Edison**. Random House, 2019.
- SHAKESPEARE, William. **Otelo**. Penguin, 2017.

- CLEARY, Thomas. **Code of the Samurai: A Modern Translation of the Bushido Shohinshu of Taira Shigesuke**. Tuttle Publishing, 2021.
- ORGANIZATION SCIENCE, 2013. Bradley P. Owens, Michael D. Johnson, Terence R. Mitchell. **Expressed Humility in Organizations: Implications for Performance, Teams, and Leadership**. Organization. Science 24(5): 1517-1538. <http://dx.doi.org/10.1287/orsc.1120.0795>
- GANDHI, Mohandas K. **Autobiografia Do Gandhi: Minha Vida E Minhas Experiências Com A Verdade**. Palas Athena, 2019.



**CAPITALISMO
CONSCIENTE**[®]
BRASIL